



O CONCEITO MARXIANO DE “ÓPIO DO POVO” E A PERSPECTIVA BRASILEIRA DO FUTEBOL

Joaquim Francisco de Lira Neto

Escola Estadual Professor Uacury Ribeiro de Assis Bastos – Brasil

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as controvérsias sobre o futebol ser uma forma de “ópio do povo”, e sobre o que alguns autores que entram na discussão entendem por esta expressão. Após a apresentação de diversas perspectivas, é feita uma tentativa de contribuição ao debate a partir do pensamento de Marx, que já havia utilizado a expressão em questão ao referir-se à religião. Seguindo a obra marxiana, é possível afirmar que o futebol é perpassado por elementos contraditórios, que podem ser utilizados tanto no sentido da reprodução quanto no da superação das relações capitalistas de produção.

Palavras-chave: futebol – Brasil; futebol – Sociologia; filosofia marxista.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho serão analisados, primeiramente, os argumentos de autores que se debruçaram sobre a questão de ser ou não o futebol uma forma de “ópio do povo”. Posteriormente, serão feitas considerações sobre o significado que a expressão em questão possui nos textos de Marx. Finalizando, será discutido se, a partir da perspectiva marxiana, o futebol pode ser considerado uma forma de “ópio do povo”.

O que justifica a elaboração deste trabalho é a necessidade de rever a referida expressão, frequentemente associada ao futebol, a qual, se mal compreendida, pode dar margem a equívocos, quando empregada tanto no estudo da religião quanto do esporte bretão.

O FUTEBOL É UM “ÓPIO DO POVO”?

Diversos autores têm se envolvido nas controvérsias em torno da questão de ser ou não o futebol uma forma de “ópio do povo”. Nesta seção, serão apresentados alguns de seus argumentos, para que se tenha uma dimensão da relevância deste tema.

DaMatta (1982) defende que o futebol não é um “ópio do povo”. É importante ressaltar que o autor diverge do que ele considera ser “uma matriz de análise sociológica dominante, que é por demais economicista e que entende ser a vida social um jogo direto de forças racionais num mercado” (DAMATTA, 1982, p. 14). O antropólogo condena um método que, segundo ele, analisa mecanicamente a relação entre futebol e sociedade, considerando que o primeiro tem suas características unilateralmente determinadas, o que faz com que ele perca a sua “direção incontável” (DAMATTA, 1982, p. 14).

DaMatta (1982) parte de dois pressupostos fundamentais, quais sejam: o futebol está na sociedade da mesma forma como a sociedade está no futebol; e a caracterização do esporte em questão como “ópio do povo” somente é possível quando é criada uma falsa dicotomia entre os dois termos. O autor defende que:

No caso do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é sua base. Como se futebol e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos (DAMATTA, 1982, p. 21-22).

Além do equívoco em separá-lo da sociedade, a visão criticada pelo autor cometeria o grave pecado de considerar o futebol uma atividade sem muito valor, sem seriedade, frívola, dispensável, e, por isso, usada somente para iludir, desviar a atenção das atividades mais sérias da sociedade. Dessa forma, o esporte de maneira geral e o futebol, em particular, devem ser vistos “como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa” (DAMATTA, 1982, p. 23).

Um dos autores que adotam a análise de DaMatta é Daolio (2003), que também defende que considerar o futebol como “ópio do povo” seria desmerecê-lo, desconsiderar a sua importância para a sociedade. De acordo com o autor, a perspectiva, segundo a qual o futebol é uma atividade frívola e usada somente para iludir, é uma “visão utilitarista da sociologia” (DAOLIO, 2003, p. 157). Em sua análise:

Essa visão foi difundida por alguns militantes de esquerda, com algum sucesso na época da campanha da seleção brasileira de futebol em busca do tricampeonato mundial no México, em 1970. Como todos se lembram, o Brasil passava na época por um período de ditadura, repressão e censura; e consideravam algumas facções políticas, com alguma razão, que uma vitória brasileira seria utilizada pelos militares para divulgar o sistema político vigente, ocultando da grande massa os reais problemas existentes no país. Este fato pode, em alguma medida, ter acontecido, mas

não é possível concluir daí que o “futebol é o ópio do povo”. Damatta et al. (1982) advertem que esse ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado da sociedade, ou seja, futebol e sociedade encontrar-se-iam em oposição, como se o primeiro fosse prejudicial ao segundo (DAOLIO, 2003, p. 158).

É possível perceber como o autor sustenta os mesmos argumentos de DaMatta, acreditando, primeiramente, que considerar o futebol como “ópio do povo” significa qualificá-lo como sendo somente uma forma de ilusão, como um puro instrumento de falsa consciência; além disso, os autores sustentam que o futebol somente poderia ser assim considerado se estivesse fora e em oposição à sociedade.

Reis e Escher (2006, p. 29) não se detêm muito nesta questão, mas deixam claro que discordam “de alguns críticos marxistas que enxergam o esporte como ‘ópio do povo’, sendo um mero reproduzidor do sistema capitalista”. Assim, como DaMatta e Daolio, Reis e Escher afirmam que considerar o futebol como “ópio do povo”, significa dizer que ele atende, exclusivamente, aos interesses da classe dominante.

Sobre a questão da utilização do futebol pela classe dominante, Santos (1981) descreve como o futebol foi incentivado, durante as greves operárias ocorridas entre 1904 e 1917, período de forte crescimento da industrialização brasileira, para desviar a atenção dos grevistas dos problemas contra os quais eles lutavam. Segundo o autor:

A greve de 1917, que chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um “esporte de massas”. Como a uma criança que se manda brincar “para queimar energias”, os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir *grounds*; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos (SANTOS, 1981, p. 22).

O autor enfatiza o potencial do futebol em absorver a exaltação relativa às greves, desviando o foco das questões políticas para uma prática que ocorreria sem maiores reflexões.

Santos (1981, p. 28) lembra que o escritor Lima Barreto mostrava-se contrário ao esporte bretão “primeiro, porque compreendeu logo que as oligarquias iam usar a bola como o ‘ópio do povo’. Segundo, porque o novo esporte era filho do imperialismo”.

De fato, entre todas as críticas que Lima Barreto fazia ao futebol, pode-se identificar aquela relacionada à capacidade do esporte em desviar a atenção de problemas sociais que a população brasileira enfrenta diariamente. Tal crítica está presente em passagens como a exposta a seguir: “O execrável *football* também é conversa obrigada das moças e senhoras que gastam em saber nomes e coisas de tão nefando

jogo uma energia mental que podia ser mais bem empregada na administração de suas modestas casas” (BARRETO, 1961, p. 245).

Do que foi exposto até aqui, a questão mais relevante é a de que os autores citados, tanto ao afirmar quanto ao negar que o futebol é uma forma de “ópio do povo”, não esclarecem o que entendem por esta expressão. Além disso, não enfatizam que, no futebol, estão presentes elementos que são, simultaneamente, favoráveis e contrários aos interesses da classe dominante, como será tratado a seguir.

O CONCEITO MARXIANO DE “ÓPIO DO POVO”

Após a apresentação das perspectivas defendidas por alguns autores que já contribuíram para a discussão sobre ser ou não o futebol um “ópio do povo”, serão feitas considerações acerca da interpretação desta expressão por Marx. Posteriormente, far-se-á uma tentativa de contribuição ao debate, a partir da perspectiva marxiana.

Marx (2005) já havia empregado a referida expressão com respeito à religião. Nas palavras do filósofo: “a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o *ópio* do povo” (MARX, 2005, p. 145).

Antes de analisar o significado dessas palavras de Marx, é importante salientar, como o faz Löwy (1991, p. 11), que a afirmação “a religião é o ópio do povo”, “não é especificamente marxista. Pode-se encontrar a mesma frase, em contextos diversos, em Kant, Herder, Feuerbach, Bruno Bauer e Heinrich Heine...”. Mas, como é possível dizer que a expressão ficou conhecida, sobretudo, por ter sido empregada por Marx, será analisado o seu significado na obra marxiana.

Primeiramente, é necessário dizer que, no pensamento de Marx, não é a religião a responsável pelos problemas sociais, mas, ao contrário, são eles que a tornam necessária, para converter em justa uma realidade injusta. Marx defende a necessidade de superação das condições materiais concretas que oprimem os indivíduos, cuja consequência são os reflexos destas mesmas condições no plano das ideias, na consciência, o que inclui as ideias religiosas.

Isso é evidente quando Marx (2005, p. 145-146) escreve que:

A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, o germe da crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é a auréola.

Da mesma forma, dizer que o futebol pode ser utilizado como “ópio do povo” não significa culpá-lo por problemas sociais quaisquer, mas significa, pelo contrário, que são

os problemas sociais que tornam necessária a existência de algo que proporcione ânimo, alegrias a uma existência sofrida – o que pode ser conseguido por meio do futebol.

Além disso, as palavras de Marx, antecedentes ao trecho em que ele afirma ser a religião o “ópio do povo”, são: “A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real” (MARX, 2005, p. 145). Ou seja, como forma de o homem tomar consciência de sua vida material, a religião é perpassada pelas suas contradições, contendo elementos que contribuem para a sua reprodução e, ao mesmo tempo, para a sua superação. O ânimo, a felicidade e o sentimento de justiça, desenvolvidos pela religião, podem servir tanto para facilitar a resignação perante uma situação de miséria real, como para voltar-se contra esta mesma situação.

É nesse sentido que Löwy (1991, p. 12) afirma que a análise da religião efetuada por Marx, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, já era dialética, “pois apreendia o caráter *contraditório* do fenômeno religioso: às vezes, legitimando a sociedade existente, às vezes, protestando contra ela”.

Da mesma forma, Bordin (1987, p. 28), em obra que trata das relações entre o marxismo e a Teologia da Libertação, escreve que:

[...] Marx viu também que a fuga religiosa era uma forma de crítica e de protesto, mas que, exercida a esse nível, fazia aparecer a miséria real como uma distorção da própria religião. Marx distingue, pois, entre religião enquanto expressão de miséria e religião enquanto protesto contra a miséria. Tal distinção é importante. Obriga-nos a fazer uma análise concreta das atitudes religiosas ao longo da história em cada caso concreto. Por isso, a crítica de Marx à religião não pode dar-se por concluída quando se suprime individual e conscientemente a religião. Para que a religião como busca de uma felicidade ilusória possa ser eliminada, deve-se superar a situação que alimenta diariamente essa ilusão.

Assim como ocorre com a religião, o futebol é atravessado pelas contradições do modo de produção capitalista. Ele deve ser pensado dialeticamente, como um fenômeno que traz no seu bojo elementos que dão reforço, mas que também protestam contra as condições objetivas de vida impostas pelo capitalismo, as quais constituem a miséria real, o vale de lágrimas em que o futebol se edifica. Tais elementos de protesto serão abordados mais adiante.

Bordin (1987, p. 28) lembra que “Marx critica não só a fuga religiosa, mas toda fuga que se realiza em forma de ficção. Não critica só o ópio religioso, mas qualquer um”. Assim, é necessária a crítica à utilização do futebol como meio para se desviar a atenção de determinados problemas sociais, em que este patrimônio da cultura corporal é posto de modo que atenda aos interesses da classe dominante, embora permaneça sempre nele um espaço de luta.

Neste ponto é necessário enfatizar que, ao contrário do que defendem DaMatta (1982) e Daolio (2003), afirmar que o futebol é usado como ópio não significa dizer que ele está separado da sociedade; muito pelo contrário, para conseguir desviar a atenção de problemas concernentes à prática social, assim como para gerar falsas consciências sobre ela, é absolutamente necessário que o futebol seja sua parte integrante, que esteja organicamente ligado à sociedade como um todo.

O futebol, assim como a religião, está vinculado a condições materiais concretas, somente podendo ser entendido em sua íntima relação com elas. É somente porque o esporte bretão é uma das poucas alegrias da grande massa da população brasileira que ele consegue ser uma arma para despertar tão significativamente a sua atenção.

Isso não significa, de forma alguma, considerar o futebol uma frivolidade que somente tem valor como ilusão, uma dimensão da nossa realidade social que não pode ter “o mesmo valor do trabalho e/ou da guerra” (DAMATTA, 1982, p. 22). É justamente em razão de sua importância para a sociedade brasileira que o Estado consegue utilizar o esporte bretão para atingir os seus objetivos. Ele é, sem dúvida, o esporte mais enraizado em nossa cultura, mostrando-se compatível com as características e as necessidades dos brasileiros, o que torna possível afirmar, como o faz DaMatta (1982), que a nossa sociedade se expressa também pelo futebol.

Dessa forma, a partir da análise marxiana da religião, está claro que não se trata de responsabilizar o futebol por determinados usos que dele faz o Estado. Do mesmo modo, este ou qualquer outro esporte não deve ser considerado um mero instrumento de reprodução das relações capitalistas de produção.

Como anunciado anteriormente, o futebol é um fenômeno em que estão presentes elementos contraditórios, que podem ser postos a favor ou contra as condições objetivas de vida impostas pelo capitalismo. No primeiro caso, está a mencionada utilização do esporte bretão para desviar a atenção de certos problemas sociais. Cumpre, agora, a explicitação de exemplos referentes ao segundo caso.

Juca Kfourri (2000) nos fornece dois exemplos que, para ele, demonstram que o espetáculo futebolístico não é composto somente de alienação, mas que possui também espaços de crítica. O autor relata que:

Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corinthians e Santos. E por que, num campo de futebol com cem mil pessoas? Porque não dava para a polícia chegar lá em cima, e prender todo mundo; quando a polícia chegou, a faixa já havia desaparecido. Foi num campo de futebol, no Estádio Nacional de Santiago, na primeira partida depois que o estádio foi liberado, após servir de prisão por dois anos e meio, no Estádio onde morreram patriotas chilenos e brasileiros, que houve um apagão, a primeira manifestação por liberdade,

durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta, estava tudo apagado, e começou um canto: “*libertad, libertad, libertad*”. Havia sessenta mil pessoas no jogo entre o Universidad Católica e o Colo Colo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões (KFOURI, 2000, p. 61-62).

O relato do autor é importante porque, apesar de tratar de dois exemplos específicos de protestos ocorridos em estádios de futebol, apresenta uma característica objetiva do espetáculo futebolístico, que pode se converter em elemento de luta contra situações de opressão: como os estádios recebem um público muito grande, sendo, geralmente, em sua maior parte, composto por membros das camadas populares, o espetáculo abre um espaço para possíveis manifestações públicas de protesto. Associada a essa característica está a veiculação do espetáculo que, embora tenha como finalidade atender aos interesses mercadológicos dos meios de comunicação de massa, pode, simultânea e contraditoriamente, servir de veículo para a transmissão de reivindicações contrárias aos interesses do Estado, como nos casos citados por Kfoury.

Outro exemplo de como o futebol é permeado por elementos de protesto nos é fornecido pela análise que Norbert Elias faz da violência associada a este esporte. Segundo o autor, “a maioria dos que se relacionam com a violência no futebol parece ser proveniente do nível mais baixo das classes trabalhadoras” (ELIAS, 1992, p. 91). Para ele, há uma série de fatores nas experiências de vida dos jovens da classe trabalhadora, como as restrições quanto aos momentos de excitação, ou o fato de serem provenientes de famílias consideradas com pouco apreço na sua sociedade, que contribuem para que eles apresentem reações violentas durante ou após o espetáculo futebolístico. Nas palavras do autor:

Estes jovens, na sua vida normal, pertencem a um pequeno grupo de estatuto mais baixo. Na sua sociedade conservam uma posição muito inferior. Sempre que contactam com o mundo instalado, sentem a sua inferioridade [...]. Existe pouca excitação na sua vida normal; talvez não exista nenhum desporto nem entusiasmo para o praticarem. Podem estar sem trabalho, se é que alguma vez o tiveram. De um modo geral, a vida é particularmente monótona. Nada de especial acontece. Talvez uma rapariga, talvez um filme. Não existem perspectivas; não têm objetivos. Deste modo, o desafio de futebol entre equipas locais surge como o maior, o mais excitante dos acontecimentos numa vida que, de qualquer maneira, é, acima de tudo, vazia. Então, pode mostrar-se a todo o mundo que se faz parte dele (ELIAS, 1992, p. 91-92).

É possível afirmar, levando-se em consideração a análise de Elias – embora, seja questionável dizer que mesmo a vida dos trabalhadores mais necessitados é “vazia”, “monótona” –, que a violência no futebol é, em parte, uma forma de

protesto contra a falta de maiores momentos de fruição, que é sentida por parte da população brasileira mais carente. A violência no futebol, nessa perspectiva, é, em última análise, consequência das condições de vida impostas pelo capitalismo, o que torna interessante imaginar se ela não será significativamente reduzida quando forem abolidas as desigualdades sociais e quando desmoronar o reino da necessidade, com a superação das relações capitalistas de produção.

Como outro exemplo de elementos subversivos do futebol, pode-se citar a análise que Guedes (1998) faz de algumas declarações do craque Romário. Em uma de suas falas, o jogador, referindo-se à Copa do Mundo de 1994, disse: “Eu posso colocar a Copa do Mundo para o brasileiro como se fosse um prato de comida. Se a gente ganhar esta Copa, estará dando um prato de comida para esse povo que está com fome” (ROMÁRIO apud GUEDES, 1998, p. 61). Em outro momento, o mesmo jogador afirmou que a seleção faria tudo para ser campeã, trazendo alegria para o povo brasileiro, e complementou: “Mas que isso não sirva para esconder nossos problemas, como a fome, a miséria, as pessoas abandonadas” (ROMÁRIO apud GUEDES, 1998, p. 73).

Especificamente sobre essa declaração de Romário, Guedes (1998, p. 74) afirma:

Esta fala, além de delimitar os direitos de utilização do troféu conquistado e negar que o futebol é alienante, implica numa outra reivindicação pelo simples fato de ser emitida. Reivindica, para os jogadores, o direito de falar sobre o povo. O jogador coloca-se, portanto, como o sujeito de um discurso no qual sempre foi objeto. Guarda, por conseguinte, potencial subversivo, não tanto pelo que diz, mas por ser dita. Desta forma, pode subverter as normas da divisão de trabalho tanto no interior do campo esportivo quanto em outros campos. No futebol brasileiro, a distinção entre trabalho físico e mental foi sempre operante, expressando-se, inclusive, na máxima muito conhecida de que *jogador pensa com os pés*. Ao invés da inteligência, toda a genialidade que os *craques* apresentam seria fruto da *intuição*. Pelo mesmo ato, o jogador coloca-se como interlocutor de todos aqueles que têm, tradicionalmente, detido o poder da fala sobre o povo. Isso inclui, evidentemente, políticos e religiosos. Inclui todos os intelectuais, até mesmo os antropólogos. Talvez seja esta a indisciplina maior.

A análise da autora é importante porque mostra um exemplo de que ao mesmo tempo em que os jogadores estão submetidos às relações capitalistas, como a divisão social do trabalho e a busca pelo máximo rendimento, eles não deixam de tomar consciência e de, inclusive, realizar críticas a determinadas utilizações de seu trabalho pela classe dominante. Como afirma a autora, Romário fala do povo para o povo, e suas palavras podem ecoar, como um alerta aos apreciadores do espetáculo esportivo, quanto aos interesses tácitos na veiculação do esporte bretão.

O último exemplo a ser aqui exposto de elementos do futebol que são contrários à lógica capitalista, e que talvez seja um dos mais importantes, é o da igualdade momentânea que ele proporciona. Milan (1998) lembra que o futebol “oferece a realidade igualitária com que sonhamos. O futebol, no Brasil, não é exclusividade de ninguém. Quem não joga no clube joga na várzea ou na praia” (MILAN, 1998, p. 23).

Além da facilidade de ser praticado por todas as classes sociais, há, no momento da realização de uma partida de futebol, certa forma de igualdade entre os torcedores; eles vestem a mesma camisa e podem até sentar-se lado a lado na mesma arquibancada exposta ao sol – embora haja variedade de preços em diferentes setores do estádio.

É importante lembrar que nem sempre o futebol foi assim. Quando trazido ao Brasil, segundo a versão mais aceita, por Charles Miller, o esporte bretão era amador, sendo praticado somente por uma elite, o que conferia aos seus praticantes uma imagem de distinção social.

Sobre as características do esporte trazido pelo filho brasileiro do cônsul britânico em São Paulo, Santos (1981, p. 12-13) escreve que “o que Charles Miller nos trouxe, em 1894, foi um esporte universitário e burguês. Elegante e obediente a um código. Esporte de *gentlemen*, exatamente como são o tênis e o golfe de hoje”.

Como escreve Rodrigues Filho (2003, p. 30), “o futebol importado *made in England*, tinha de ser traduzido”, tinha de sofrer modificações para ser aceito por grande parte da população brasileira, tornando-se o fenômeno que é hoje. O autor lembra que, no período inicial da prática do futebol no Brasil, utilizavam-se, inclusive, termos em inglês para designar ações no jogo. Por exemplo, “quando um jogador de seu time estava com a bola e um jogador do outro time corria para tomá-la, tinha de avisar: *‘man on you’*” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 30).

Entretanto, com o tempo, começou a ocorrer a inclusão de jogadores que não tinham uma profissão definida, e que passaram a receber um salário para jogar futebol. A elite, que via no amadorismo um aspecto de distinção social, em que a ausência de retorno financeiro preservava a elegância, o espírito cavalheiresco do jogo, se opôs o quanto pôde, mas a profissionalização era inevitável.

Segundo Rodrigues Filho (2003), inicialmente, a maioria dos jogadores de futebol era composta por estudantes, de forma que o Flamengo conquistou dois campeonatos cariocas seguidos, em 1914 e 1915, com um time composto quase que somente por acadêmicos de medicina. Um momento significativo na mudança para a profissionalização foi o título obtido pelo Vasco da Gama, no campeonato carioca de 1923, com um time formado por negros, pobres e analfabetos. Apesar de

o futebol ainda ser, na época, oficialmente amador, o Vasco pagava gratificações por vitórias, o que levava os críticos a acusá-lo de profissionalismo disfarçado. O fato é que quanto mais o time vencia, mais as arquibancadas dos estádios ficavam lotadas, o que contrariava os membros da elite.

O futebol, que antes era da elite e enaltecia a distinção social, passou a ser praticado profissionalmente e aberto a todas as classes sociais. Se a necessidade de obtenção de lucros foi o motor desta mudança, a apropriação do esporte bretão por toda a população brasileira promoveu uma quebra no aspecto de distinção social. O futebol deixou de ser um objeto utilizado para criar a imagem de uma elite com gostos e hábitos diferenciados da maior parcela da população, o que afirmava certa superioridade dela perante as camadas populares. Como a imagem da distinção contribui para difundir ideias e valores que sedimentam ainda mais a separação da sociedade em classes, a superação de tal imagem – que ainda permanece em outros esportes, como o automobilismo e os já mencionados tênis e golfe – é um elemento contrário a esta separação.

Evidentemente, essa igualdade momentânea se dissolve ao término da partida, quando as carências mostram-se como realmente são, em todas as suas distinções. Entretanto, isso não significa que a aproximação entre membros de classes distintas, promovida pelo futebol, não tenha um aspecto positivo, no sentido da superação de preconceitos ligados à classe social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os argumentos apresentados é possível dizer que, em uma perspectiva marxiana, principalmente no caso da sociedade brasileira, o futebol pode ser entendido como um “ópio do povo”, no sentido de que fornece alegrias que ajudam a amenizar a dor de uma existência sofrida; o que não significa dizer que ele não traz consigo também um grito contra a miséria real, um protesto contra o vale de lágrimas do qual o futebol é apenas a auréola. Há nele elementos contrários à perpetuação da divisão da sociedade em classes, que podem e devem ser identificados e desenvolvidos.

Se o futebol, assim como a religião, é capaz de suspender a angústia real, constituindo-se em uma forma de suspiro da criatura oprimida, proporcionando ânimo a um mundo sem coração, a ênfase da crítica não deve incidir sobre ele, mas sobre as condições objetivas que fazem com que ele se constitua como tal.

Como escreve Marx (2005, p. 146): “a crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem os suporte sem fantasias ou consolo, mas para que lance fora os grilhões e a flor viva brote”. Ou seja, não se trata de combater o

futebol, por ele ser uma forma de consolo aos oprimidos, mas de aprofundar os germes de crítica contra a miséria real, para que o esporte bretão deixe de ser considerado como um consolo, e passe a ser entendido como um momento de alegria viva, e não mais um sucedâneo da tristeza cotidiana.

THE MARXIAN CONCEPT OF “OPIUM OF THE PEOPLE” AND THE BRAZILIAN STANDPOINT ON SOCCER

Abstract: This paper aims to analyze the controversy over whether football is a form of “opium of the people”, as well as what some authors who enter this discussion understand by this expression. After the presentation of different perspectives, an attempt is made here of contribution to the debate from the thinking of Marx, who had used the phrase in question to refer to religion. Following the work of Marx, it is clear that soccer is traversed by contradictory elements, which can be used both in the sense of reproduction as the overcoming of capitalist relations of production.

Keywords: soccer – Brazil; soccer – Sociology; Marxist philosophy.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, L. O trem de subúrbios. In: BARRETO, L. **Feiras e mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BORDIN, L. **Marxismo e teologia da libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1987.
- DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, J. O drama do futebol brasileiro: uma análise socioantropológica. In: DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.
- KFOURI, J. O futebol entre palcos e bastidores. In: CARRANO, P. C. R. (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LÖWY, M. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MILAN, B. **O país da bola**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

REIS, H. H. B.; ESCHER, T. A. **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS, J. R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Contato

Joaquim Francisco de Lira Neto
E-mail: jocalira@hotmail.com

Tramitação

Recebido em 29 de maio de 2010
Aprovado em 20 de junho de 2012